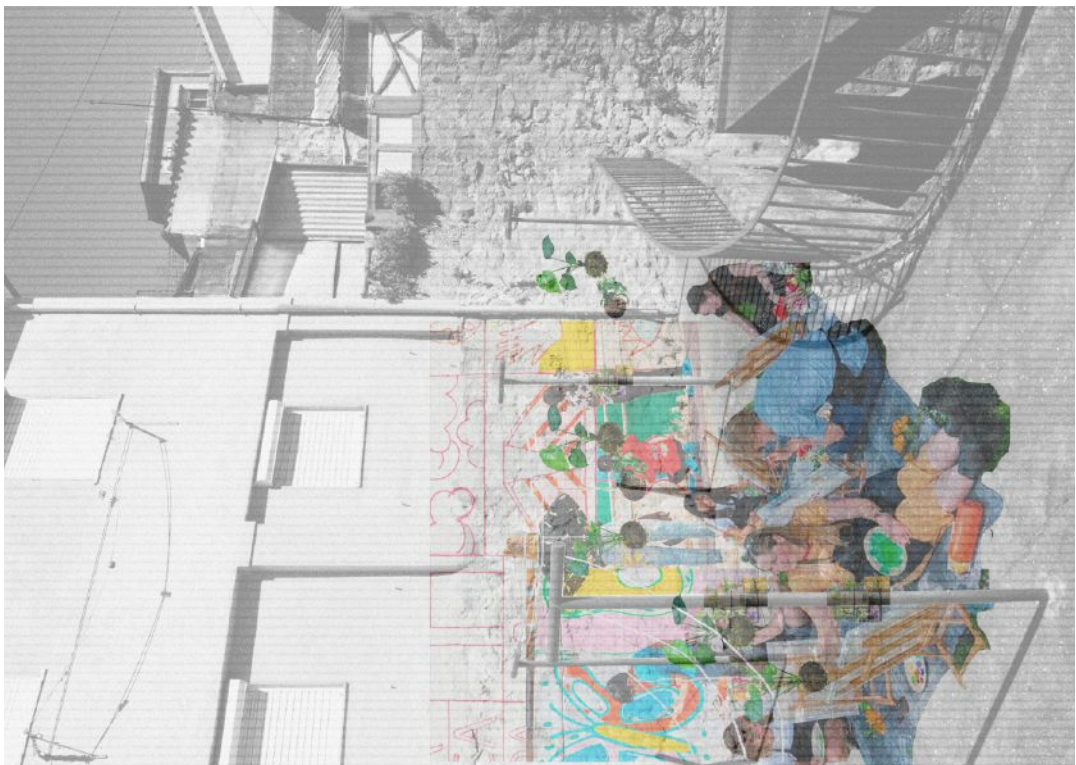
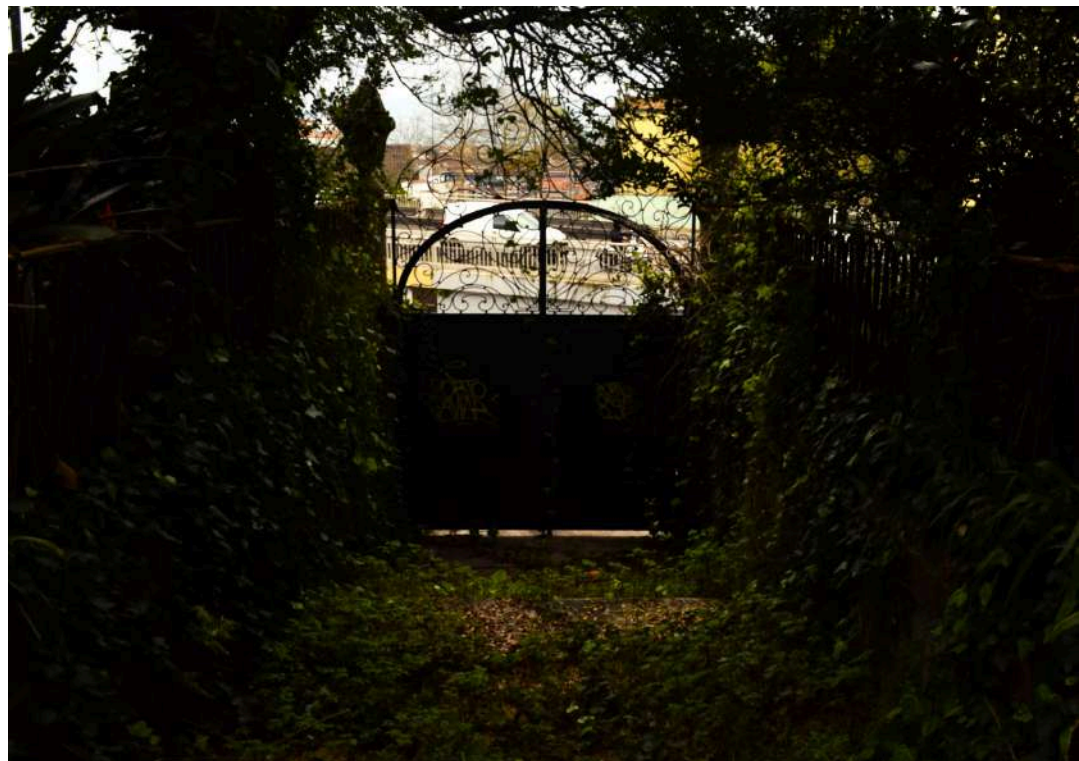
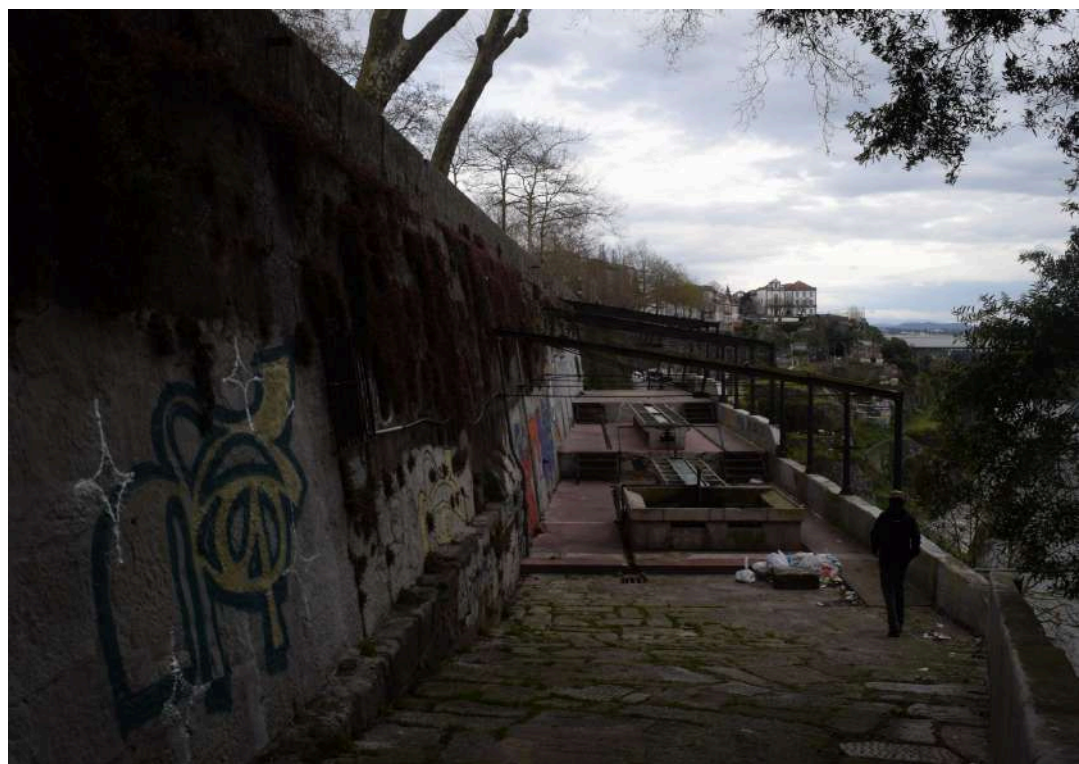


ESTE DOCUMENTO É UMA REPRESENTAÇÃO DIGITAL DO
LIVRO DE PROJETO, COMPONENTE DA DISSERTAÇÃO
**“ERVAS DANINHAS (PLANTAS E HUMANOS):
REIMAGINANDO O URBANO ATRAVÉS DA COLAGEM”**

AUTORA: MARINA CORRÊA
ORIENTADOR: JORGE MARQUES
ANO: 2026







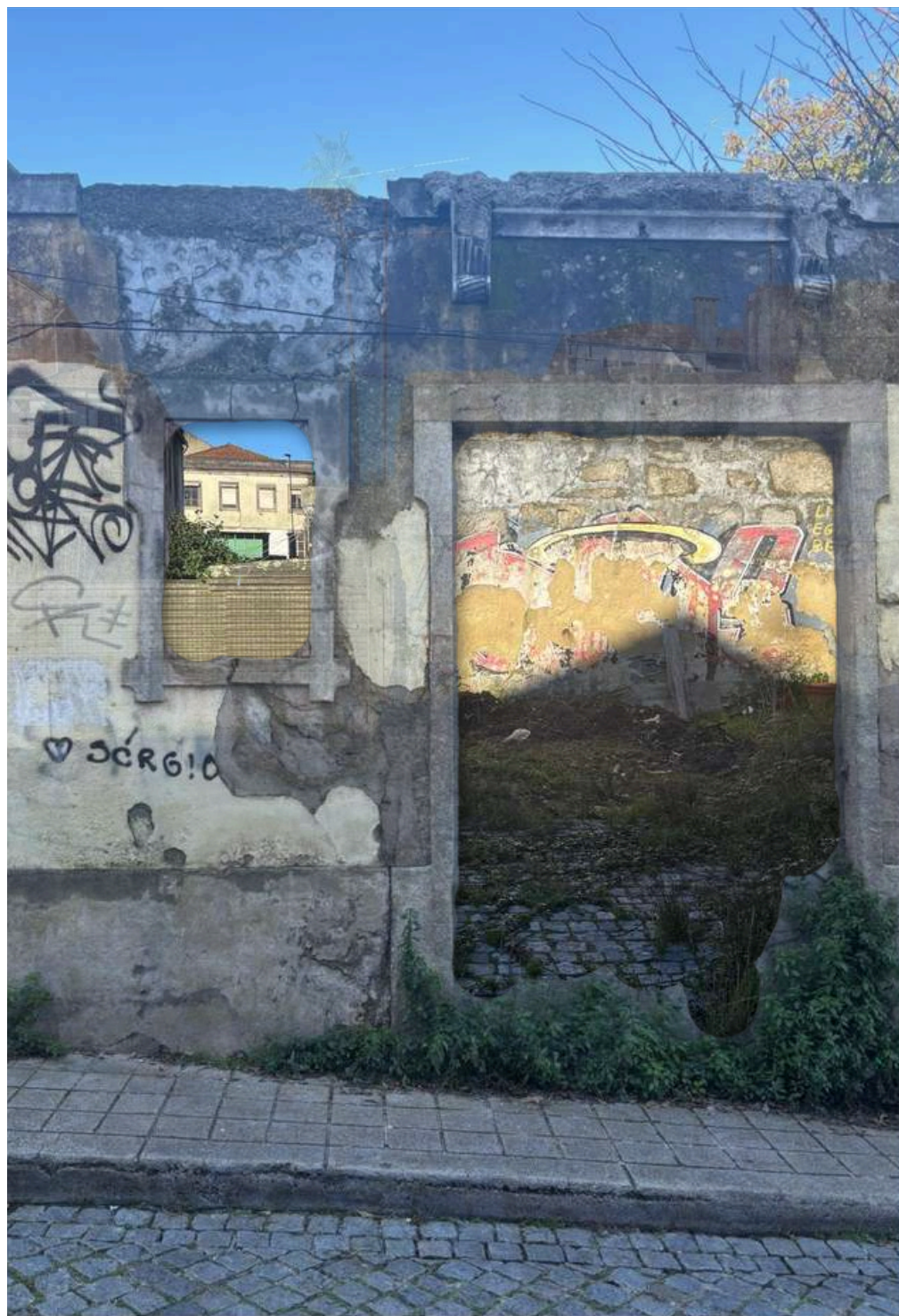


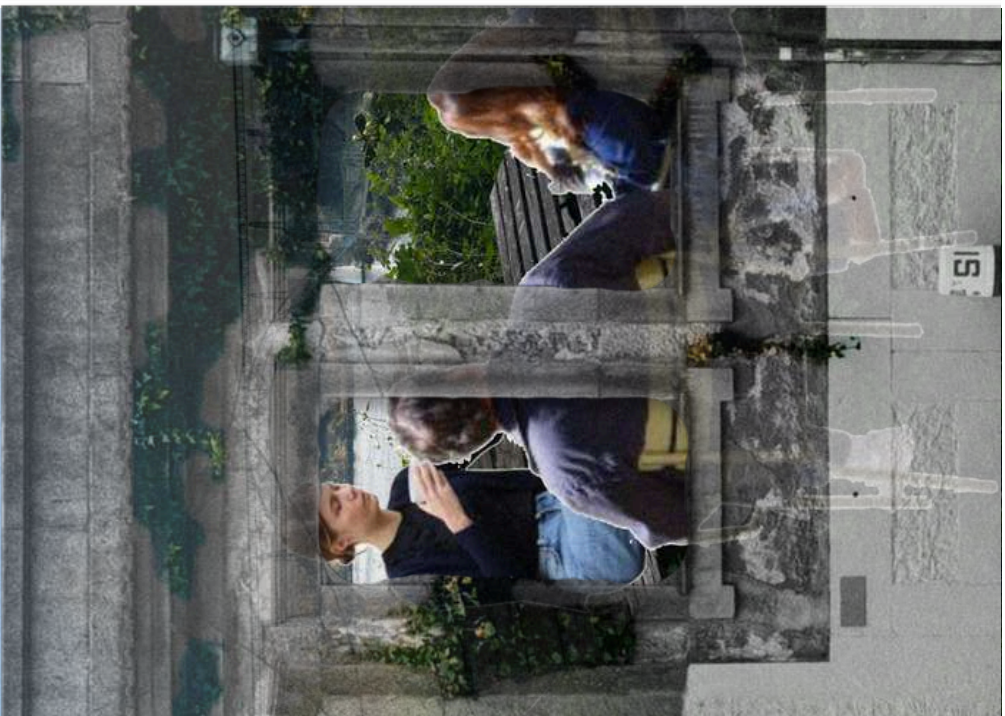




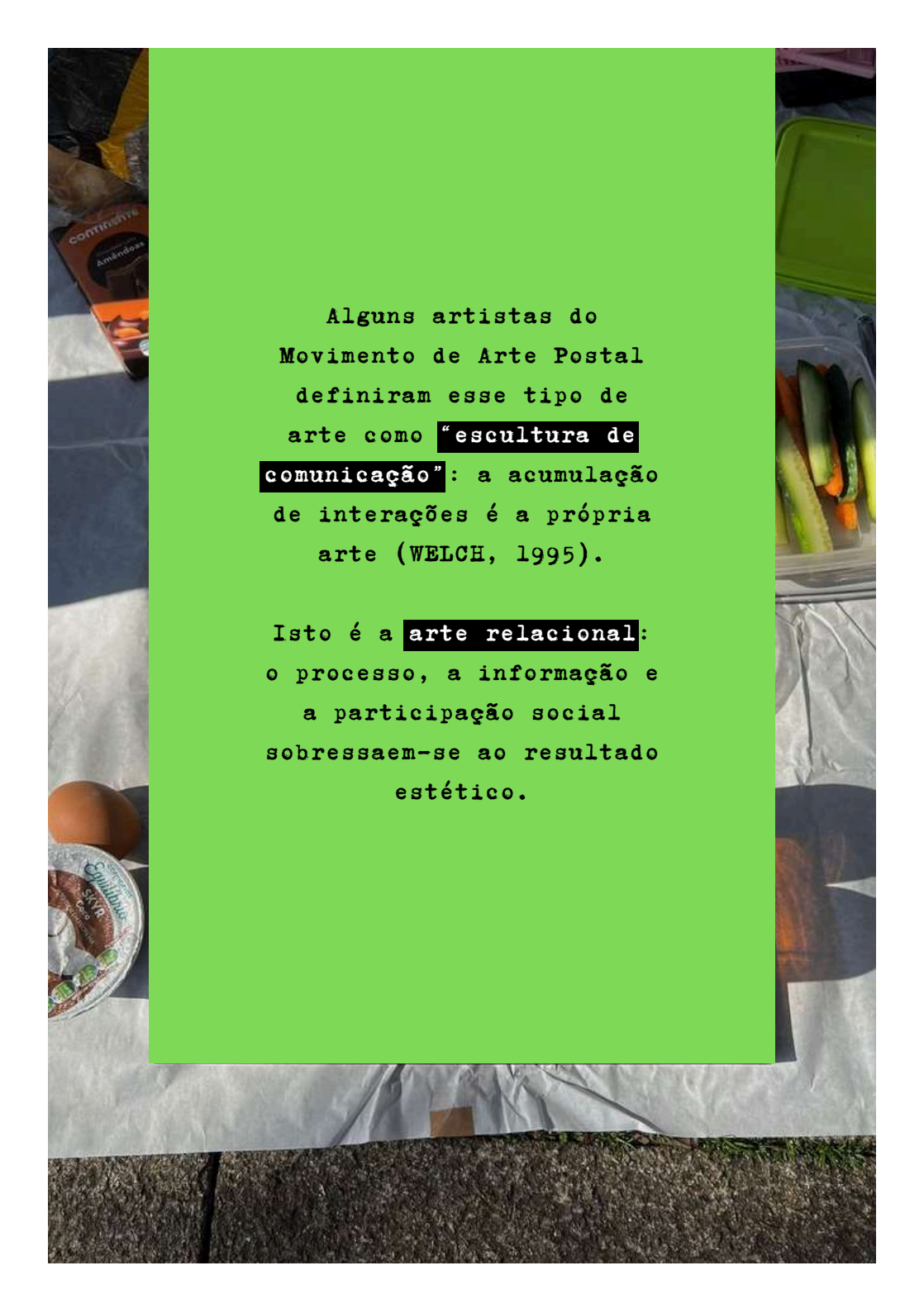






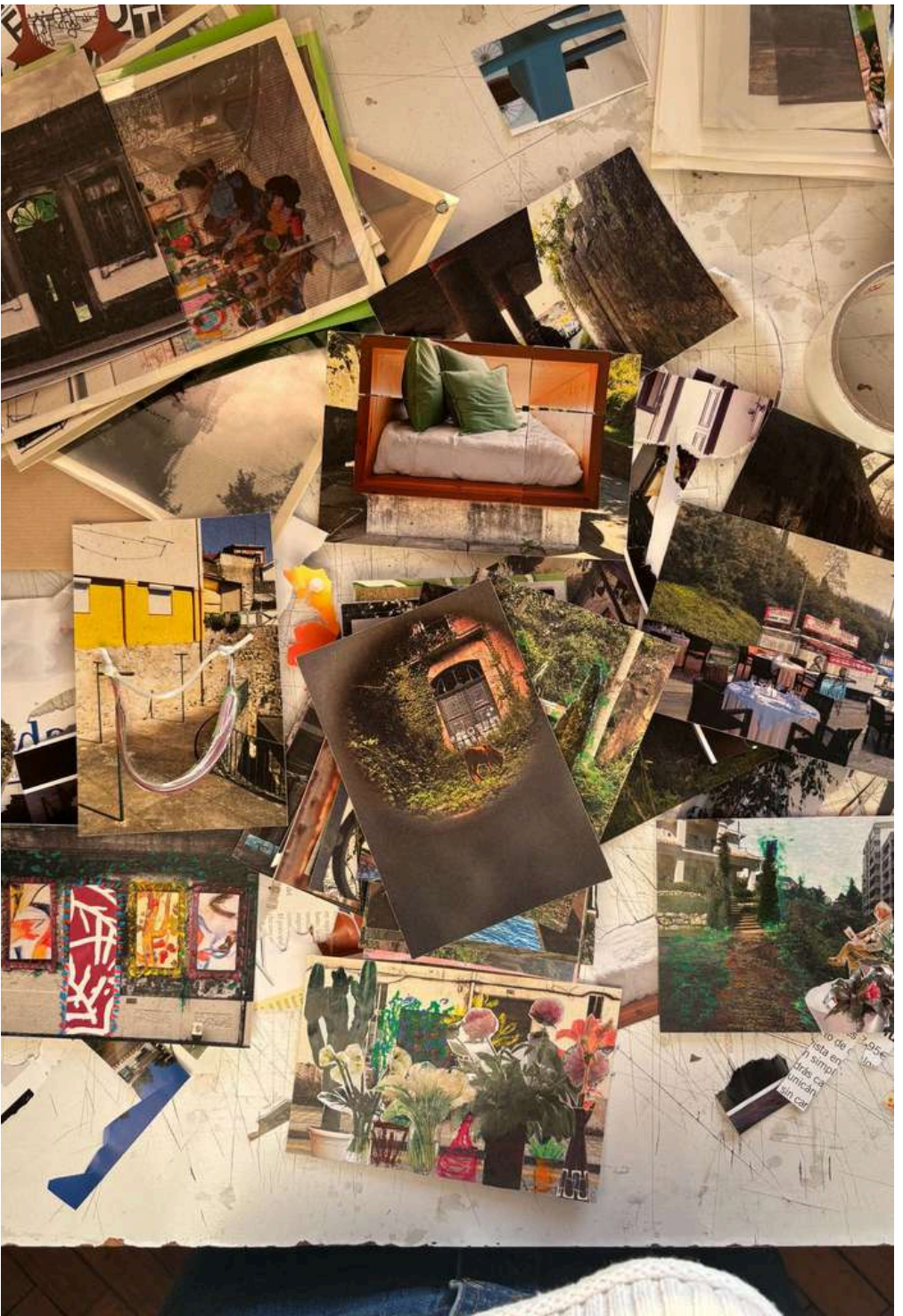






Alguns artistas do
Movimento de Arte Postal
definiram esse tipo de
arte como **“escultura de
comunicação”**: a acumulação
de interações é a própria
arte (WELCH, 1995).

Isto é a **arte relacional**:
o processo, a informação e
a participação social
sobressaem-se ao resultado
estético.





Quando se corta uma
imagem, faz-se uma **escolha**.

Quando se cola outra,
constrói-se um **argumento**.

A colagem não é um ato
neutro, mas sim **uma recusa**
de um único ponto de vista
e de um projeto encerrado.

No fim, a escolha da
colagem é uma reflexão
sobre o **palimpsesto** da
própria cidade.

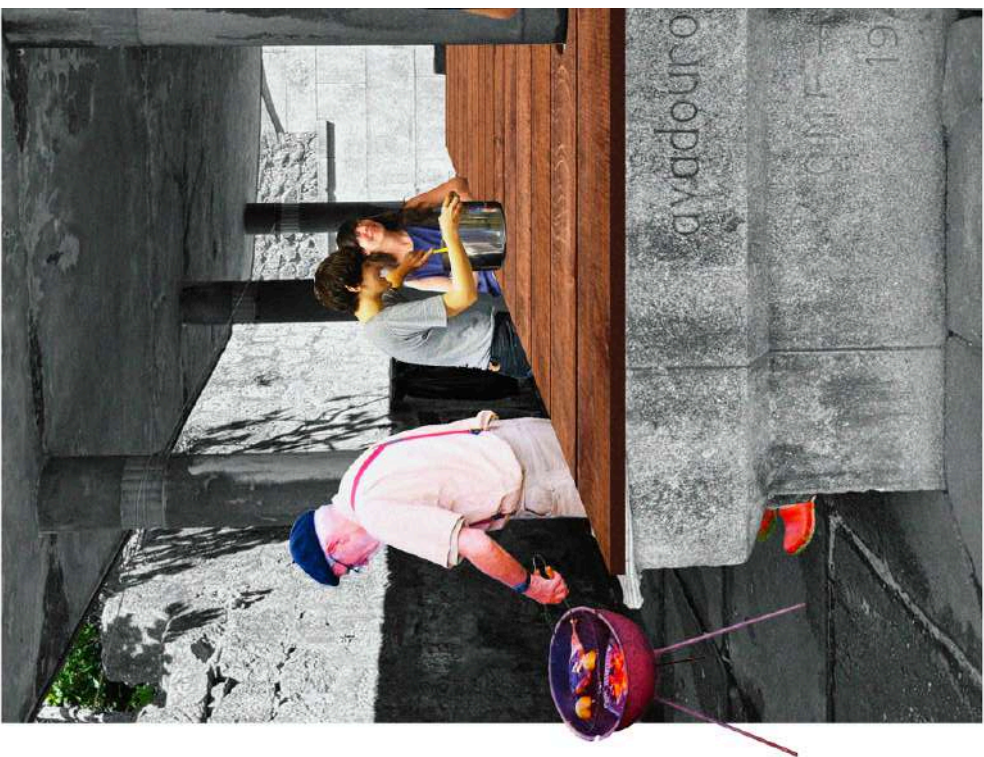
GENAISSEN
GENAIS!

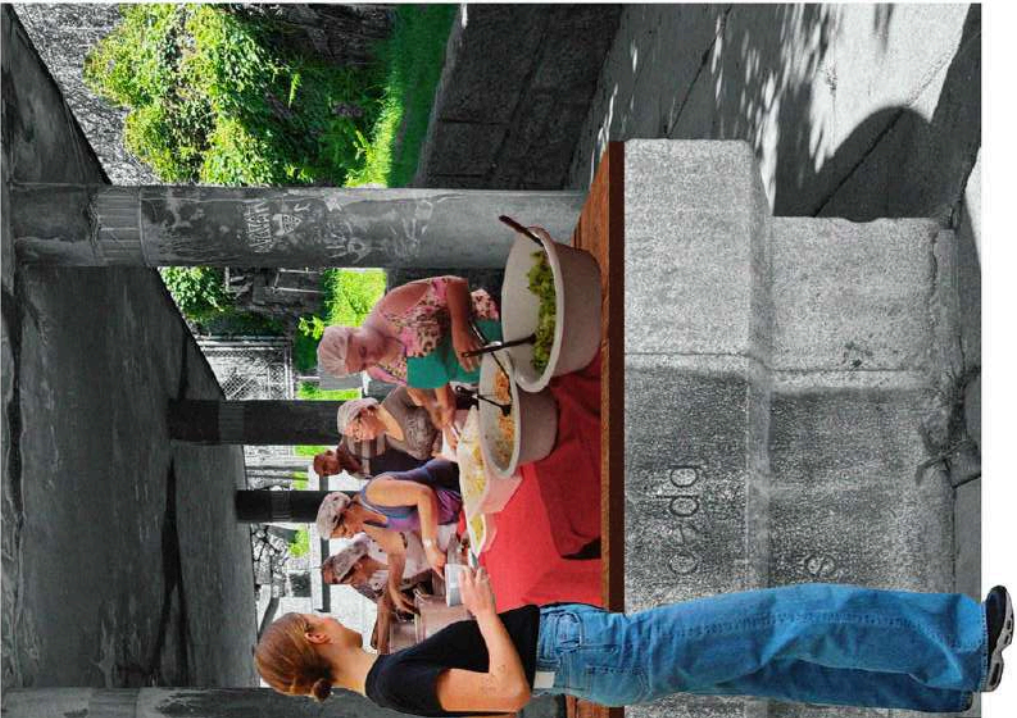


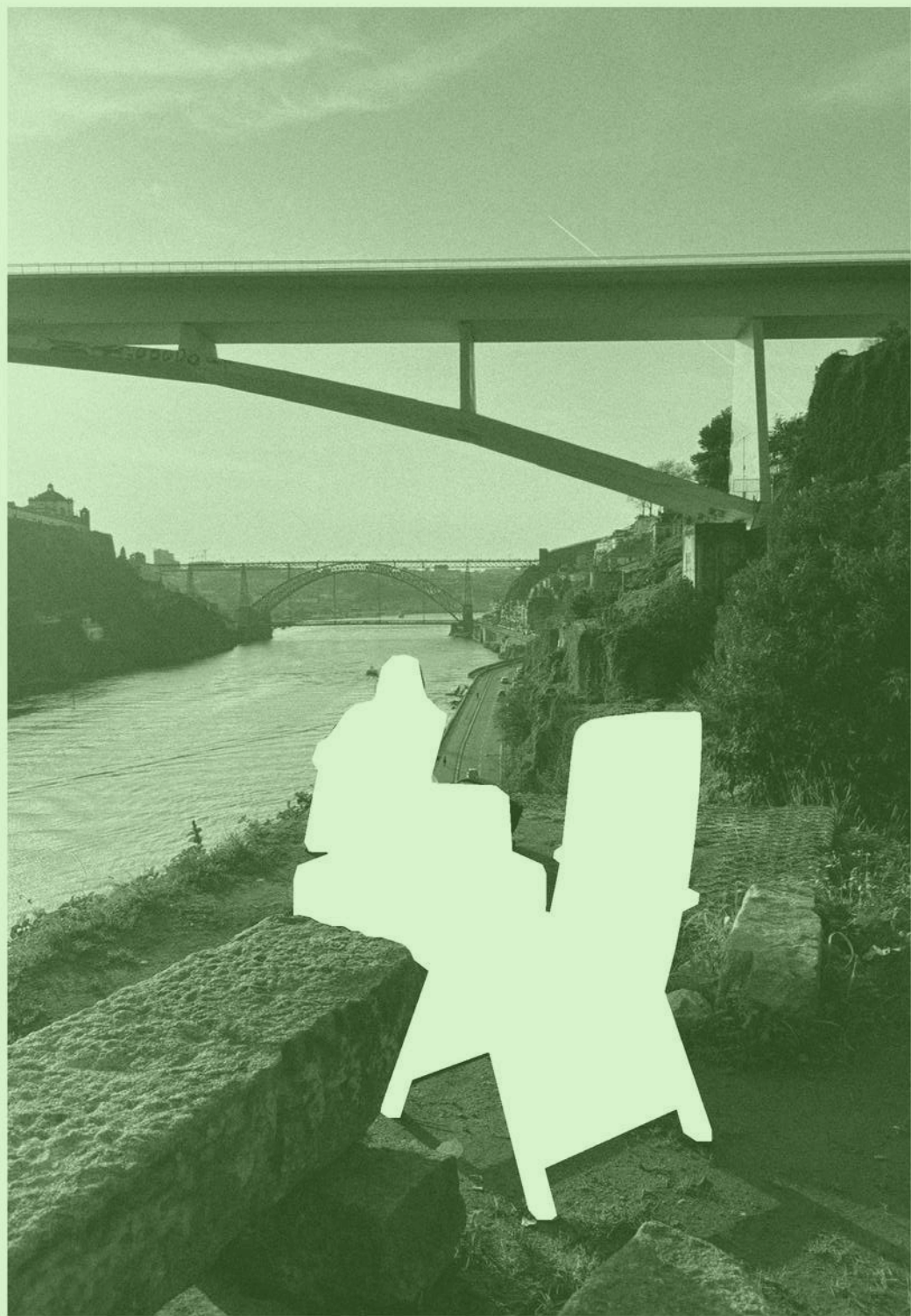
Nem tudo precisa ser
solucionado, enquadrado
ou reimaginado.

Algumas coisas
merecem permanecer
questões abertas.

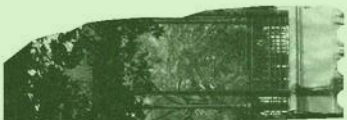




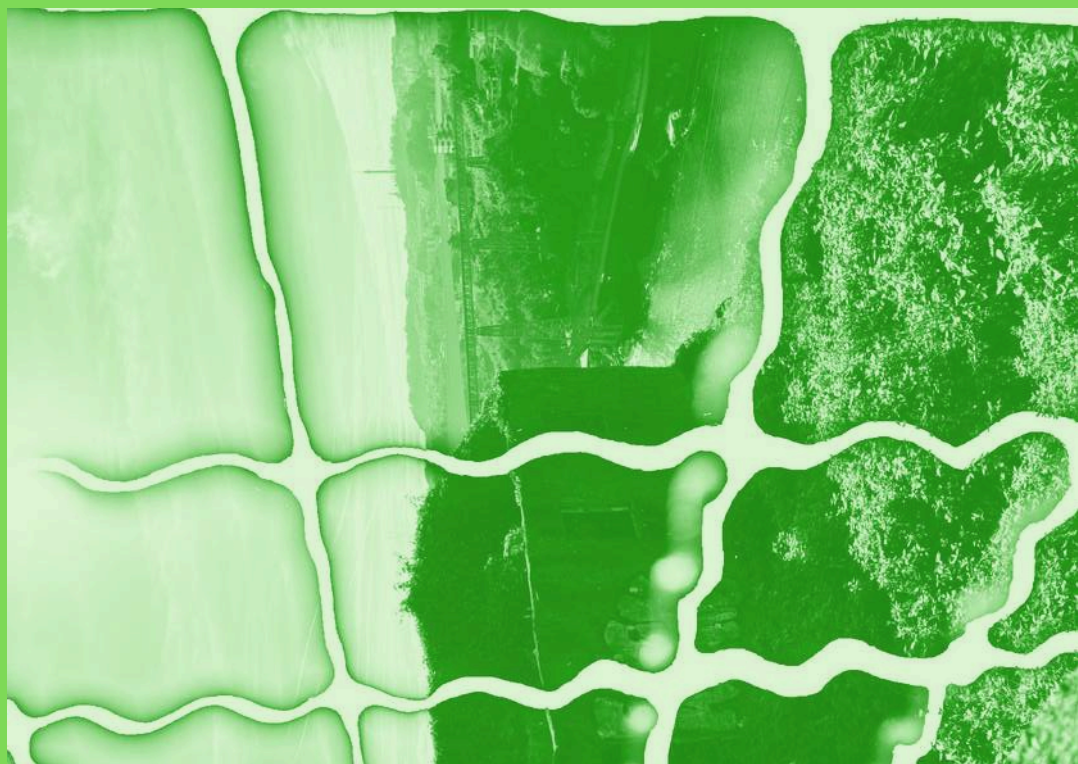


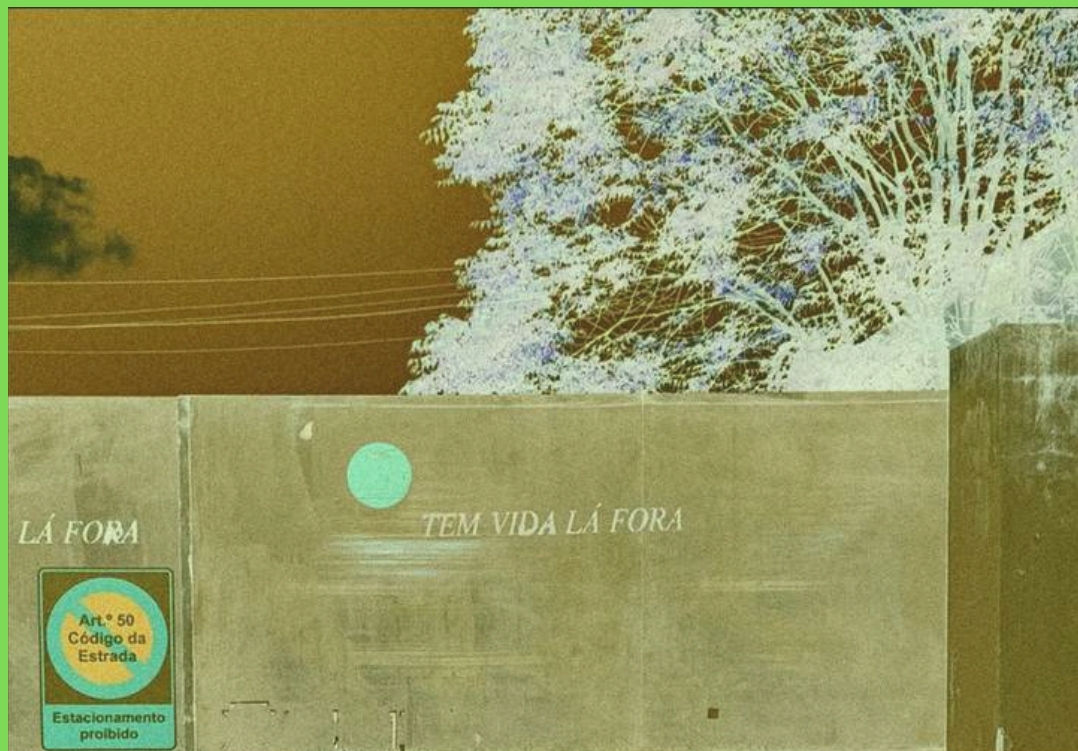


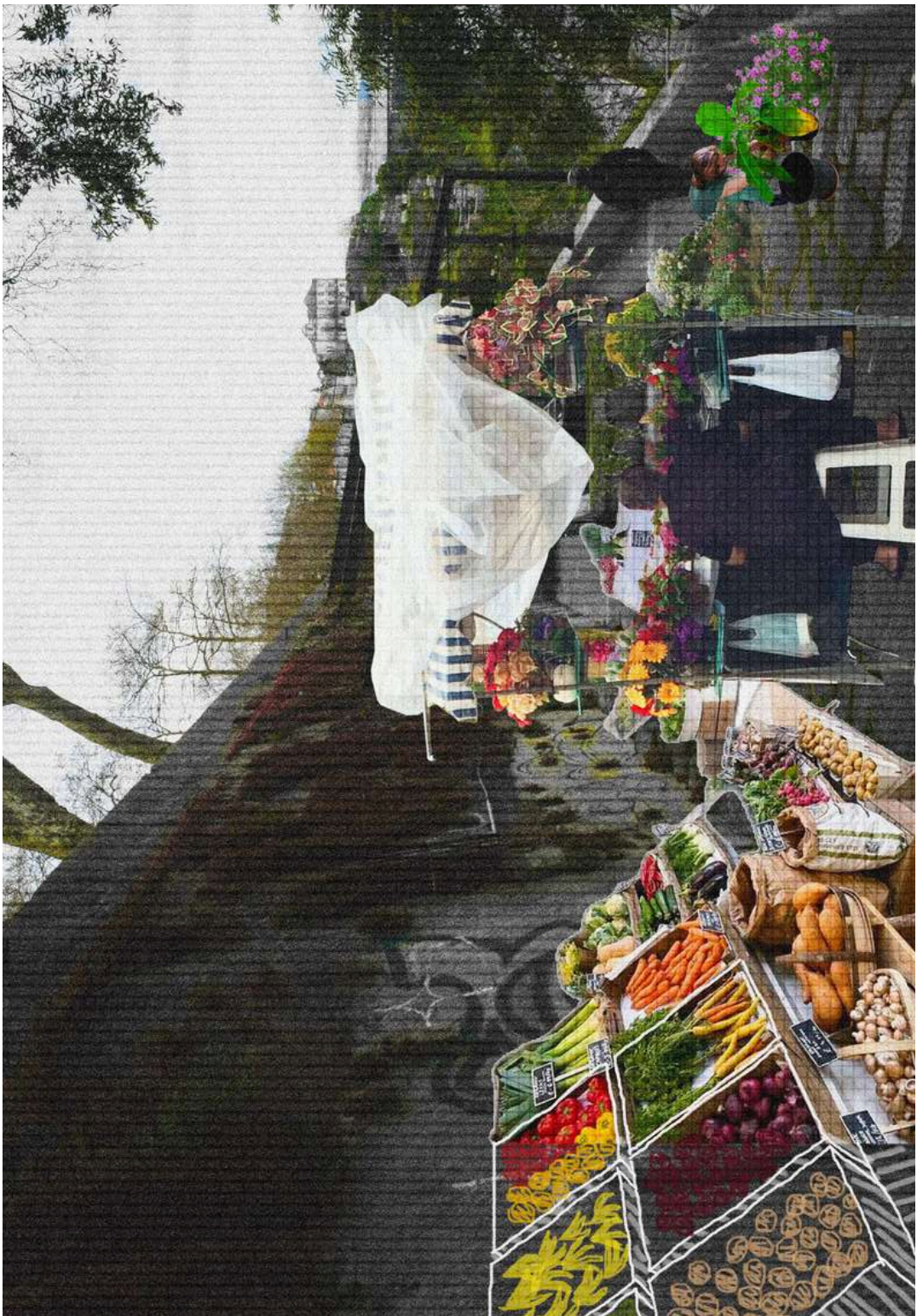




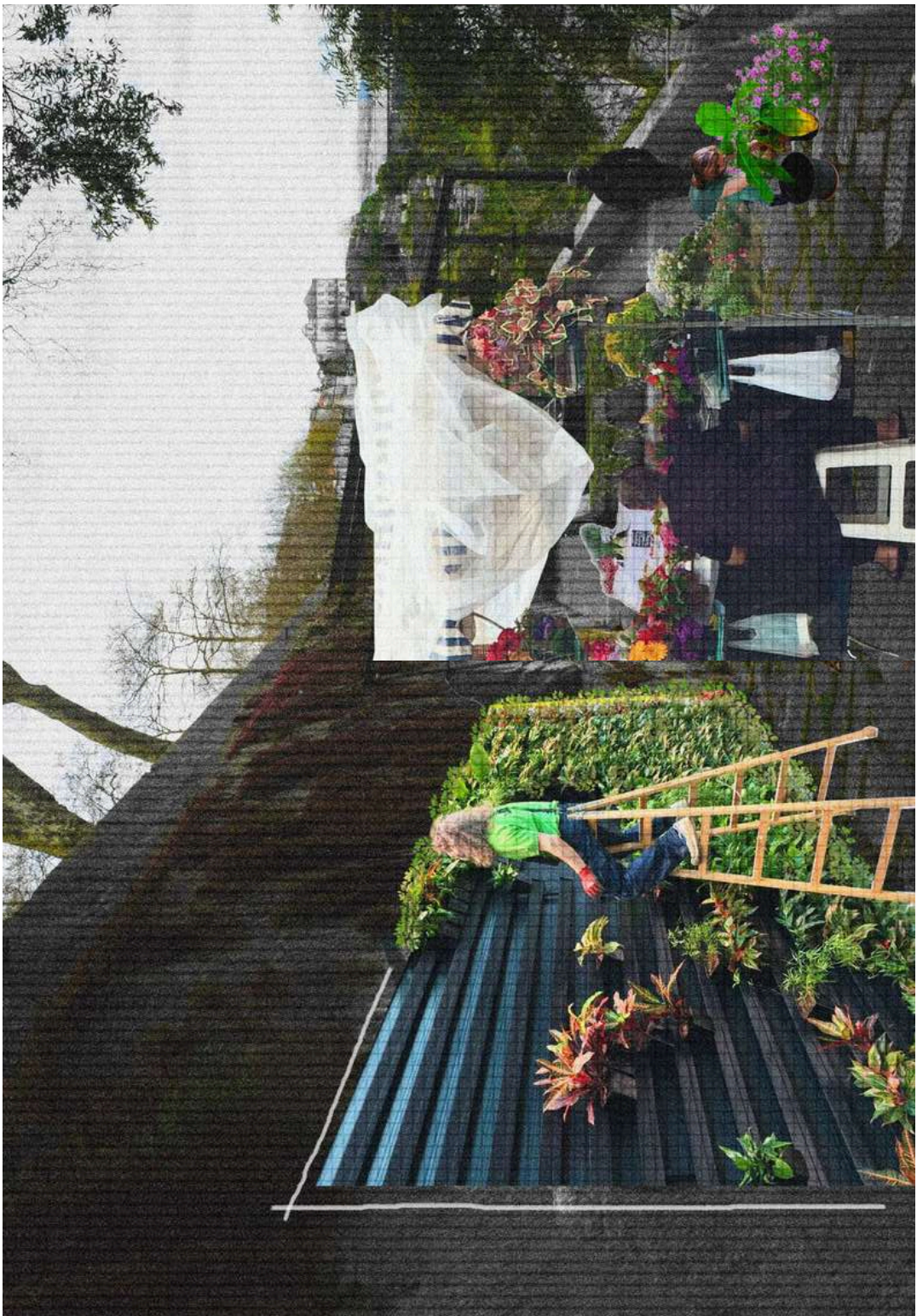


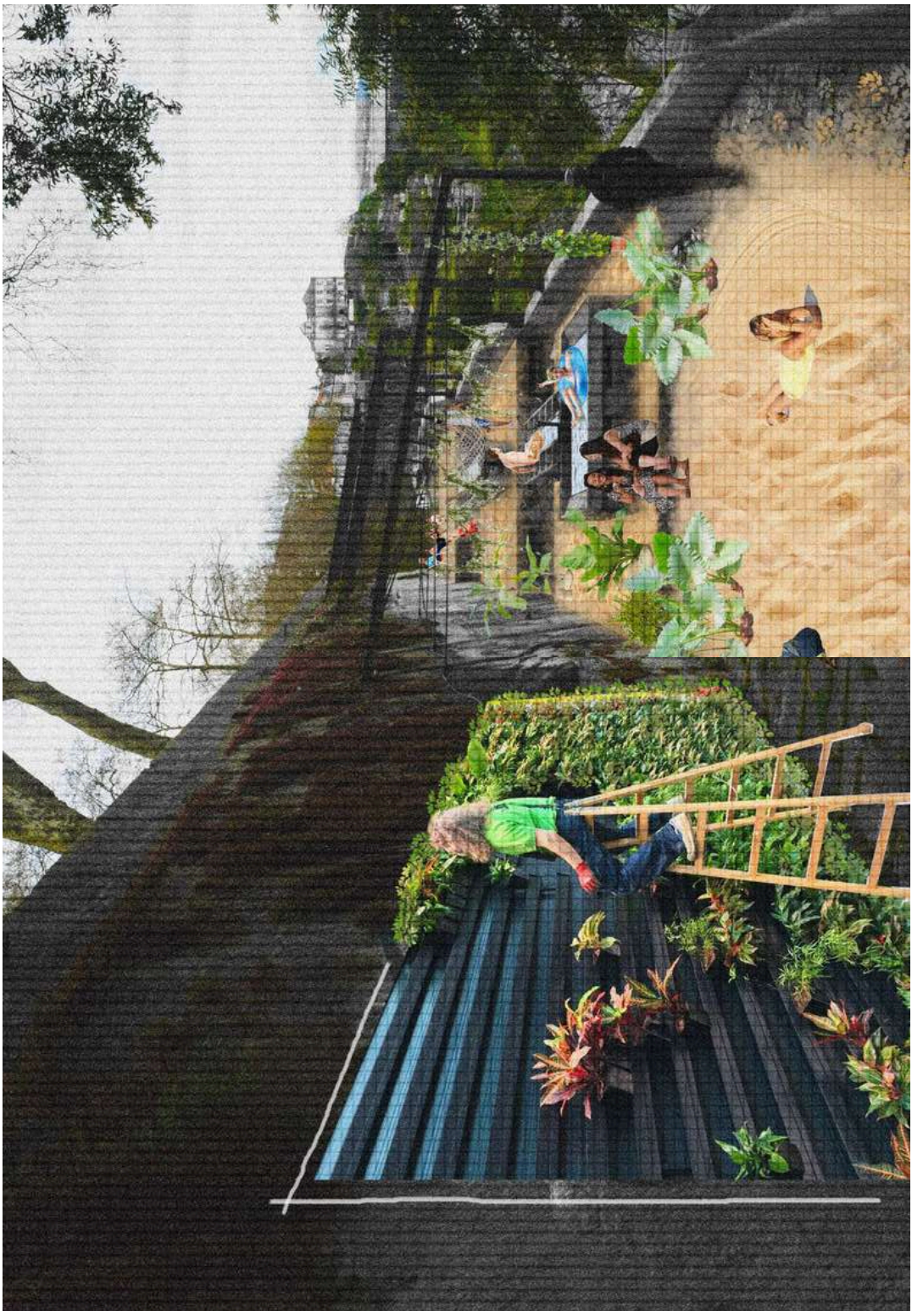












A própria cidade é uma colagem – história, cultura e usos sobrepostos uns aos outros. Então, a colagem tornou-se o método escolhido para explorar essas camadas mais a fundo, e o postal o formato eleito para as trazer à escala da mão humana – para segurar, tocar, ter acesso.

O primeiro passo deste projeto foi percorrer o Porto, com especial atenção aos espaços que permaneciam demasiado silenciosos. A seleção dessas imagens obedeceu apenas ao que despertava a imaginação – uma narrativa alternativa.

As primeiras colagens surgiram de meios digitais, recorrendo à internet para obter imagens para recortar e ao Photoshop para construir as fotomontagens. Porém, a fotografia foi impressa em papel e a imagem a ser sobreposta, em acetato para que a minha autoria sobre essa perspectiva não fosse permanente.

Colocar esses terrenos vagos em postais provoca que as pessoas os olhem — os segurem. Imprimi algumas fotografias no formato de cartão postal e folheeí algumas revistas, recortando tudo o que pudesse integrar a minha cidade imaginária.

Esta prática não propõe uma imagem perfeita do que um lugar poderia ser; sugere simplesmente que este **poderia ser qualquer coisa — imaginado por qualquer pessoa**. Apesar de os postais produzidos não terem sido amplamente circulados, estão reunidos na exposição final — apresentados, em conjunto, a quem quiser contemplá-los. Assim, quem pegar num deles pode tornar-se coautor da própria contranarrativa da vida urbana.